



“Eu sei o que é o tempo, se não mo perguntarem”

Foi com esta citação de Santo Agostinho que comecei o meu primeiro discurso de tomada de posse, aqui nesta mesma sala, em janeiro de 2007.

A citação, como disse na altura, iniciava um esplendido texto de Francisco Leite Pinto intitulado: “Essa palavra Universidade”, publicado em 1969.

Dois anos depois iniciei do meu programa de ação, 2009-2013, com um texto de Miller Guerra, de 1970, que dizia o seguinte: “Fecho as minhas palavras com uma citação ilustre. É de uma carta do infante D. Pedro a seu irmão D. Duarte, escrita de Bruges, por consequência do centro da Europa. Diz assim: A Universidade da nossa terra devia ser emendada, segundo ouvi dizer a outro que nisto mais entendia do que eu”.

Nessa mesma data identifiquei da seguinte forma a razão da minha candidatura:

“O grande desafio que as universidades atualmente enfrentam, ainda está para vir. Consiste em serem capazes de utilizar esta mudança organizacional (referia-me ao recentemente publicado Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior), que não partiu do seu seio, para se transformarem em organizações mais flexíveis e versáteis, com processos de tomada de decisão mais ágeis e transparentes e totalmente abertos ao exterior.

Levar a NOVA a enfrentar este desafio e vencê-lo é a principal razão da minha candidatura.”

Este ano, escrevi a esse propósito:

“Apresento-me de novo como candidato a Reitor da Universidade Nova de Lisboa, quatro anos depois de ter escrito estas palavras (as que acabei de ler), porque quero continuar a liderar um projeto que já é vencedor em muitos domínios. Acredito, firmemente, que nos próximos quatro anos, apesar da crise que Portugal atravessa, vamos ser capazes de consolidar o trabalho já realizado



e de introduzir as mudanças necessárias para sermos, cada vez mais, uma universidade europeia e global, sem descurar a nossa inserção na sociedade portuguesa”.

Este novo mandato não vai ser a continuidade do anterior por muitas razões, que passarei sucintamente a explicitar.

Em quatro anos o Mundo mudou e Portugal sofreu, e sofre, uma crise muito complexa que não pode ser, nem tem sido ignorada por aqueles que, como nós, universitários, assumem o desafio de pensar e agir virados para o futuro.

Mas, mesmo para quem tenta preparar o futuro, há que definir claramente até onde se pode ir no tempo e no espaço.

Alguns dos referenciais que utilizo para pensar o futuro têm sido abalados nos últimos tempos e, por isso, quero partilhar convosco as minhas preocupações expressas de uma forma dicotómica:

Incerteza versus insegurança

Mudança versus indiferença

Esforço coletivo versus protagonismo individual

Elitismo versus subalternidade

Autonomia versus obediência

Avaliação versus fiscalização

Em resumo, o desafio consiste em acreditar que podemos construir o futuro.

As universidades querem continuar a ajudar Portugal a construir o seu, o nosso futuro. E têm-no feito dentro do quadro legal e financeiro em que se situam, sem benefícios especiais e sem contribuírem para o aumento da dívida pública.



As universidades acreditam, e demonstram-no todos os dias, que é possível fazer mais e melhor por Portugal dentro e fora do nosso país.

Infelizmente, quando enfrentamos esta batalha da qualificação, não podemos ignorar um atraso inicial muito significativo como demonstram os resultados recentemente publicados no *Education at a Glance 2013*, da OCDE.

Portugal continua a ser um dos cinco países da OCDE com a maior proporção de população adulta, entre os 25 e os 64 anos sem formação secundária (65% contra 25% da média da OCDE). Mesmo nas populações mais jovens e quando se analisa a meta EU2020, ou seja, a % da população com ensino superior completo, e apesar de termos passado de 23% em 2009, para 26% em 2011, estamos muito longe da média da OCDE, 39%, e mesmo dos 21 estados europeus incluídos, cuja média é de 37%.

A questão que aqui se coloca é de como iremos atingir, em 2020, a meta europeia dos 40%. Este valor não é mágico mas sim estruturante porque, apesar da crise e do desemprego, Portugal continua a ser, segundo a OCDE, um dos países em que um indivíduo com formação superior tem maior remuneração salarial face a indivíduo com formação secundária.

Qual deve ser o papel das universidades neste tempo de crise?

Emílio Botín, Presidente do Banco Santander, sintetizou, em maio deste ano, algumas pistas que merecem destaque:

1. Em primeiro lugar assinalou o progresso extraordinário das universidades nas últimas décadas face a uma brutal queda orçamental que começou antes da atual crise: as universidades espanholas perderam mil milhões de euros entre 2008 e 2012. Assinale-se que as universidades portuguesas perderam 200 milhões entre 2005 e 2012 mas com valores absolutos de financiamento muito inferiores.



2. Quanto às medidas de superação da crise, propõe:
 - 2.1. Racionalizar a utilização das instalações no terreno, a chamada “rede”, e assim incentivar uma maior cooperação entre todas as universidades
 - 2.2. Criar consórcios para a prestação de serviços
 - 2.3. Ganhar quotas de eficiência na utilização dos recursos
 - 2.4. Aumentar a visibilidade e a capacidade competitiva
 - 2.5. Orientar os campus universitários para uma maior diferenciação científica, educativa e tecnológica.
3. E diz mais adiante que a universidade é o projeto social mais importante de Espanha e que desempenha um papel inegável como motor de prosperidade e de progresso.

Se bem que estas palavras não sejam muito frequentemente ouvidas em Portugal, fora da universidade, quero assinalar o importante papel que os membros da sociedade civil têm desempenhado como elementos dos conselhos gerais das universidades. Gostaria, no entanto, de dizer que todos esperamos que façam mais e melhor na ligação entre a sociedade e as universidades.

No programa de candidatura considereirei como essencial a posição da NOVA como a Universidade da Área Metropolitana de Lisboa. Quero lembrar que já o tinha feito há quatro anos e o tempo deu-me razão. Estaremos, em breve, localizados não só nos três municípios de Lisboa, Almada e Oeiras, mas também, assim o esperamos, em Cascais, graças à iniciativa da Nova SBE.

As relações com as autarquias da região da Grande Lisboa são também um desígnio importante da nossa estratégia de internacionalização e esperamos, como até aqui, um tratamento isento e uma parceria leal. Costumo dizer em



relação a Lisboa que a NOVA não quer benefícios imerecidos nem admitirá prejuízos injustificados.

No programa de ação 2013-2016 identifiquei as seguintes oito áreas de intervenção:

- Investigação científica
- Ensino e aprendizagem
- Recursos humanos
- Estudantes
- Sociedade
- Infraestruturas
- Sustentabilidade financeira
- Governança

Tal como fiz em 2009 identifiquei, para cada área, um conjunto de prioridades que constam do programa e da apresentação feita ao Conselho Geral, no passado dia 21 de julho.

Também como sucedeu em 2009, tenciono fazer essa apresentação do programa nas várias unidades orgânicas para recolher comentários e, acima de tudo, pedir todo o apoio para a concretização dos projetos, propostos no programa de ação. Infelizmente, e ao contrário do que sucedeu há quatro anos, não consegui efetuar as apresentações entre a eleição e a posse. O verão e a batalha orçamental não ajudaram!

Espero fazer essas apresentações nas próximas semanas com o apoio dos órgãos dirigentes das Unidades Orgânicas incluindo os Conselhos das Faculdades, Institutos e da Escola. Mas, acima de tudo, espero contar com a presença de professores, investigadores, estudantes e funcionários.



Existem muitas diferenças entre o que se propôs em 2009 e o que se propõe agora, mas há um traço comum: as propostas baseiam-se em dados quantitativos obtidos de uma forma rigorosa e devidamente validados. Um exemplo dessa metodologia, aliás a única credível, é a publicação do Relatório de Atividades de 2012, que continua uma tradição que se tem mantido na NOVA, desde em 2007.

De todos as propostas apresentadas optei por destacar duas.

A primeira porque não mudou desde 2009, antes se consolidou.

Refiro-me aos princípios que anunciei nessa data e que repeti em 2013:

- Defender a autonomia universitária e a liberdade académica
- Procurar a legitimação externa por representantes da sociedade
- Assumir uma liderança forte mas sempre com o envolvimento e a responsabilização da comunidade académica
- Facilitar a gestão das Unidades Orgânicas assegurando o equilíbrio entre interesses institucionais e sectoriais
- Promover uma gestão estratégica participada, eficaz e em condições de responder a situações complexas e a mudanças rápidas
- Manter um clima de transparência, confiança, qualidade e de prestação de contas.

Recordo que a NOVA é gerida por órgãos centrais bem definidos alguns dos quais únicos nas universidades portuguesas como é o caso do Conselho de Estudantes, constituído pelos presidentes das associações de estudantes, por onde já passaram dezenas de jovens, generosos e dedicados, que são o nosso orgulho e a nossa esperança.

A segunda proposta, que não existia em 2009, é verdadeiramente inovadora: trata-se do Plano Estratégico 2012-2016 que já se encontra em fase de funcionamento e que se baseia em duas grandes opções estratégicas: a criação da Escola Doutoral, já concretizada, com o generoso apoio da Caixa Geral de



Depósitos e o patrocínio da Fundação Oriente, e a passagem da NOVA à fundação, ou a qualquer outra designação que nos possibilite maior autonomia com uma maior responsabilização perante a sociedade. Mas, desculpem a banalização, desejo que essa passagem não seja aos solavancos, nem com mais falsas partidas.

O Plano Estratégico 2012-2016 é composto por 23 indicadores centrais à missão nas seguintes áreas: ensino, investigação, criação de valor económico e social e internacionalização e por 15 indicadores de apoio à missão nas seguintes áreas: recursos humanos, recursos financeiros e ação social.

A estes indicadores quantitativos juntam-se os seguintes objetivos qualitativos:

- Assegurar um sistema de garantia da qualidade do ensino
- Reorganizar os *campi*: Campolide (tendo como primeira prioridade a passagem da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Avenida de Berna para o novo local), Caparica (tendo como primeira prioridade a resolução da dívida da parcela 10), Santana (tendo como primeira prioridade a colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa no projeto da Colina do Conhecimento) e Oeiras (tendo com primeira prioridade contribuir para definição do papel do Instituto de Tecnologia Química e Biológica e do Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica no planeamento da área da antiga Estação Agronómica)
- Promover a partilha de equipamentos e serviços (a começar pela Reitoria e pelos Serviços de Ação Social)
- Reforçar a imagem da marca NOVA
- Promover a internacionalização da NOVA não só na Europa como no Espaço Lusófono Africano, no Magrebe, na América Latina, especialmente no Brasil e em Macau.



Portugal assumiu, no contexto da Estratégia Europa 2020 um conjunto de prioridades relacionadas com a mobilização dos recursos humanos, o ambiente e a energia, o investimento em inovação, a escolaridade e o combate à pobreza.

A NOVA está preparada para assumir esses desafios, no contexto dos programas europeus, com especial ênfase para as seguintes áreas:

- Aprendizagem ao longo da vida
- Investigação baseada em redes europeias
- Internacionalização fora da Europa
- Transferência do conhecimento científico para a sociedade
- Valorização do papel da sociedade na universidade

Tudo isto só é possível com o apoio de uma grande equipa, sem a qual, muito do que até aqui foi dito, seriam meras palavras.

Tem sido para mim uma honra, e um privilégio, trabalhar ao longo deste anos com vários grupos, todos eles excelentes e motivados.

Refiro-me, em primeiro lugar, aos membros da anterior equipa reitoral, que agora terminam as suas funções, a quem quero agradecer e prestar uma singela homenagem pedindo para eles, a todos os presentes, uma salva de palmas.

As palavras já foram ditas, restam-nos as excelentes memórias e a certeza de que estarão sempre connosco.

Aos novos membros da equipa reitoral uma palavra de agradecimento por terem aceite o desafio. Tenho o privilégio de conhecer bem o vosso valor e, por isso, não posso deixar de assinalar as minhas legítimas expectativas em relação ao vosso impacto em áreas tão importantes como promover uma efetiva articulação entre as unidades de saúde da NOVA, o acompanhamento dos percursos de vida dos nossos estudantes e graduados e a promoção de um



sistema de garantia de qualidade do ensino verdadeiramente integrado na cultura da NOVA. Já em relação ao plano estratégico creio que os desafios estão lançados e trata-se de executar e de contratualizar com as Unidades Orgânicas a evolução dos indicadores.

Aos membros da equipa reitoral que se mantêm em funções, incluindo as Senhoras Administradoras, resta-me também agradecer a vossa disponibilidade e dizer-vos como é bom continuar a contar com o vosso apoio.

Senhoras e senhores membros do Colégio de Diretores e do Conselho de Estudantes,

Conto convosco, sabem que podem contar comigo.

Senhoras e senhores membros do Conselho Geral,

Obrigado pelo voto de confiança.

Senhor Presidente do Conselho Geral as últimas palavras, antes de terminar, são para V. Exa. para lhe manifestar a minha sincera admiração pela forma hábil e discreta com que tem ajudado a Universidade e, sobretudo, pela disponibilidade com que me ouve e pela clareza sábia dos seus conselhos.

Vou terminar com uma citação de Miller Guerra que foi meu Professor na Faculdade de Medicina de Lisboa. Não aquela em que estão provavelmente a pensar mas uma outra que tive o privilégio de receber diretamente dele e que passo a citar:

“11 janeiro 1985

Prezado Rendas,

Muito agradecido pela sua comunicação ao Congresso de Educação Médica. É coisa bem pensada e bem escrita (o que é raro!) Põe o dedo na ferida (ou melhor nas mazelas do nosso ensino) relatando os factos e as necessidades



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA

com grande exatidão e socorrendo-se da sua longa experiência fora de Portugal. É preciso insistir, porque na nossa terra, só se ouve à 2ª ou à 3ª vez

Um grande abraço do Miller Guerra”

Pois bem, é isso que vou continuar a fazer nos próximos quatro anos:

insistir, insistir e insistir

Campolide, 18 de setembro de 2013

António Rendas, Reitor